



XI Congresso Português de Sociologia
Identidades ao rubro: diferenças, pertenças e populismos num mundo efervescente
Lisboa, 29 a 31 de março de 2021

Secção/Área temática / Thematic Section/Area:
Teorias e Metodologias
Theories and Methodologies

O biográfico é social: Reflexões em torno de uma prática colaborativa em sociologia
The biographical is social: Reflections on a collaborative practice in sociology

AZEVEDO, Liliana; Iscte, CIES-Iscte; liliana_marisa_azevedo@iscte-iul.pt*
CARVALHO DA SILVA Vanessa; Iscte, CIES-Iscte; vpcsa@iscte-iul.pt*

Resumo

Reconhecendo a relevância da prática reflexiva continuada num processo de produção de conhecimento e do enriquecimento proporcionado por momentos de partilha entre pares nos seus trajetos individuais de pesquisa enquanto doutorandas em sociologia, iniciámos uma série de conversas informais pondo em comum dúvidas, experiências e sentimentos acerca das respetivas investigações.

A abordagem biográfica e a leitura da obra de Daniel Bertaux (“Le récit de vie”) são o fio condutor desta comunicação, na qual retraçámos o caminho percorrido em conjunto e salientámos a relevância do trabalho em equipa, que possibilitou uma pluralidade e complementaridade de lentes, bem como a descoberta de ligações evidentes entre objetos de estudo que aparentemente pouco teriam em comum.

Alimentadas pela reflexividade uma da outra, fomos nos apercebendo de que forma(s) é que os respetivos terrenos se embrincavam, e da mais-valia de uma prática colaborativa sistemática, nomeadamente no plano epistemológico, culminando na construção de uma narrativa metodológica.

Abstract

Having recognized the relevance of a continuous reflection in the process of knowledge production, on one side, and the enrichment of their individual research trajectories provided by peer-sharing moments on another side, two doctoral students in sociology initiated a series of informal conversations. The latter enabled them to share doubts, experiences and feelings about their own research.

The biographical approach and reading Daniel Bertaux's work (“Le récit de vie”) are the main thread of this communication. In it, we retrace the path taken together and highlight the relevance of teamwork. In our case, it enabled us to have a plurality and complementarity of lenses. We also discovered evident connections between research objects that apparently would have little in common.

Powered by each other's reflexivity, we became aware of the way(s) in which our two research fields were entangled, as well as the added value of a systematic collaborative practice, especially at the epistemological level. It culminated in the construction of this methodological narrative.

Palavras-chave: Abordagem biográfica; reflexividade; prática colaborativa; epistemologia

Keywords: Biographical approach; reflexivity; collaborative practice; epistemology

O reconhecimento da relevância da prática reflexiva continuada num processo de construção de conhecimento deu lugar a uma reflexão contínua e partilhada cujo resultado aqui se apresenta. Cedo, no nosso percurso de doutorandas, tivemos noção do enriquecimento que os momentos de partilha com outras/os investigadoras/es, da mesma ou de outra área temática, nos proporcionavam. Esses momentos de serendipidade foram alimentando a nossa reflexividade e contribuindo para desenvolver os nossos trajetos individuais de pesquisa.

Com o desiderato de colmatar a *aridez* de um trajeto percorrido a solo, a partir do momento em que a partilha em sala de aula deixava de integrar o plano de trabalho académico, sentíamos a necessidade de criar um espaço que permitisse a troca - entre pares - sobre questões teóricas, conceptuais e metodológicas com as quais nos confrontámos ao longo deste sinuoso percurso, um espaço de reciprocidade que enriquecesse as nossas perspetivas, alumiasse as nossas decisões e que desse lugar a uma visão para além do que cada uma [individualmente] conseguia apreender sobre as formas sociais inerentes ao seu terreno específico.

A conferência «Life Stories as a method of studying courses of action and individual trajectories», que Daniel Bertaux deu no Iscte-Instituto Universitário de Lisboa (Iscte), em outubro de 2018, marcou o início da nossa prática colaborativa. Depois deste primeiro momento, os espaços de partilha surgiram de forma espontânea e não estruturada dando início às conversas de café [literalmente] na cafetaria do Iscte. Estes momentos foram-se traduzindo em encontros e trocas casuais que permitiram descobrir uma miríade de afinidades no trabalho que cada uma se encontrava a desenvolver. Em primeira instância, o interesse que ambas tinham pela perspetiva etnossociológica, ou socioantropológica, e pela modalidade da entrevista conhecida como «*récit de vie*» [ou «narrativa de vida» na sua tradução para português], amplamente difundida por Bertaux.

Ao longo do ano letivo de 2018/2019, entre os cafés e as conversas, habituámo-nos a ir partilhando questionamentos, tanto metodológicos, como epistemológicos, mas também de elementos dos nossos respetivos terrenos. À medida que íamos progredindo nas nossas investigações, fomos descobrindo ligações evidentes entre os nossos objetos de estudo que, aparentemente, pouco ou nada teriam em comum.

Enquanto uma se dedica a estudar os contextos, trajetórias, disposições e reflexividades de adultos pouco escolarizados em Portugal ⁽¹⁾, a outra foca-se na

transição para a reforma de casais portugueses que estão, ou estiveram, emigrados na Suíça e que na sua maioria são pessoas que não estudaram além da 4ª classe ou do 6º ano ⁽²⁾.

A incursão de uma ao terreno, para a realização de entrevistas biográficas, traduzia-se sempre em momentos de partilha com a outra que foram desocultando a interligação dos dois campos de estudo. Paralelamente, iniciámos a leitura conjunta do livro *Le Recit de Vie* (2016 [1997]), e as idas ao Iscte foram-se tornando em encontros semanais de perscrutação, decifração e reflexão. Ao longo das semanas e ao longo dos capítulos, umas vezes anuíamos, outras vezes, interrogávamo-nos acerca daquilo que o autor queria dizer com certas formulações. Também rimos bastante, sobretudo quando líamos frases que pareciam ter sido escritas *para nós*, e que poderiam ter sido escritas *por nós*, por refletirem as nossas próprias experiências do terreno. Quiçá tenhamos sentido o efeito de estarmos a ler sobre a complexidade de um processo metodológico através de um verdadeiro contador de histórias, o que além de ter facilitado este diálogo e esta colaboração a três, pela leitura e pela tradução da obra, nos conduziu a considerar a pertinência da existência de uma forma de *narrativa metodológica* num projeto de investigação, ainda pouco realçada e discutida nas publicações académicas. É a tal «linha em ziguezague de uma sucessão de períodos, eventos, situações, projetos e cursos de ação empreendidos para a concretizar» (Bertaux, 2020, p.43) que também ilustra as diferentes etapas do processo metodológico de uma narrativa de vida.

Em suma, fomos estabelecendo uma relação dialógica com o livro e o seu autor, sentindo que tínhamos encontrado ali mais um orientador. Esta relação dialógica, em muito semelhante à produção da própria narrativa de vida, foi acontecendo durante estes momentos e de dois passámos a três, tendo o Daniel Bertaux entrado na nossa equipa, sem o saber. Trabalhar em equipa significa adotar uma pluralidade e complementaridade de lentes, o que veio enriquecer bastante as nossas reflexões em torno das respetivas pesquisas.

No Verão de 2019, durante a pausa letiva, os cafés cessaram, mas as trocas continuaram a acontecer por via de imagens e mensagens sobre os nossos contextos de pesquisa. Ora enviávamos, ora recebíamos, geralmente por Whatsapp a fotografia de uma paisagem, uma mensagem de voz ou de texto, através das quais contávamos sumariamente como tinha decorrido aquela entrevista e quais as primeiras impressões que esta havia suscitado.

Estas trocas foram constituindo um primeiro «tratamento bruto» do manancial de informação que tínhamos acabado de recolher e do fluxo de ideias que resulta dessa imersão no terreno, interrompido pelo regresso de cada uma aos seus tempos quotidianos que tantas vezes dificultam/impossibilitam o seu registo atempado. Ao mesmo tempo, este exercício conjunto foi permitindo contornar um certo *empiricismo intrusivo*, alimentado pelo entusiasmo e adrenalina do trabalho de terreno (Back, 2007 cit. in Ferreira, 2014, p. 981).

Viajámos em conjunto, país fora e além-fronteiras, através das trajetórias de vida de pessoas com baixos níveis de escolarização que tinham conhecido diferentes percursos de mobilidade, geográfica e social. Fomos alimentando [e fomos alimentando de] a reflexividade uma da outra, o que resultou na perceção clara e conjunta de que o terreno de uma estava presente no terreno da outra e vice-versa. Esta interpenetração de dois terrenos que são distintos, essencialmente para fins de análise, carrega consigo indícios relevantes para a compreensão das «categorias de situação social» que cada uma de nós estuda (Bertaux, 2020, p.15). Através desta prática colaborativa, fomos apercebendo que «numerosos indícios que uma narrativa de vida contém sobre as relações, processos e contextos sociais que se procura descrever e compreender» (Bertaux, 2020, p.8) funcionavam como *inputs* da própria investigação.

Nos percursos de vida de alguns dos adultos poucos escolarizados foram surgindo as migrações – algumas para a Suíça – que complementavam e introduziam elementos novos às narrativas recolhidas na pesquisa sobre migrantes e a transição para a reforma. Por exemplo, um dos entrevistados contava que em Portugal, na escola que tinha frequentado nos anos oitenta e noventa, a língua francesa era a única opção de língua estrangeira imposta, sobretudo, pelas famílias, uma vez que a maior parte dos jovens em idade ativa teria de emigrar para a Suíça ou para França - onde já tinham familiares - impelidos pela inexistência de um mercado de trabalho nacional capaz de os absorver. Contava ainda que depois de emigrarem para esses países, estes jovens teriam de trabalhar *ao negro*, expressão que representava uma novidade para quem estuda a aprendizagem ao longo da vida - por não ser uma expressão corrente em Portugal -, mas que era familiar para quem estuda a emigração para a Suíça, por se tratar de uma expressão comum naquele país. De igual forma, as conversas sobre os percursos educativos das pessoas emigradas já entrevistadas e a possibilidade de terem retomado uma formação em contexto migratório, transformaram essa questão num elemento de reflexão. Não tinha sido incluída na pesquisa em curso, porque a natureza dos projetos

migratórios iniciais [trabalho-poupança-regresso] não se coadunava com tal ambição, por outro lado, havia escassez de ofertas formativas destinadas a uma população com estas características, na sociedade onde viviam e trabalhavam, pelo menos até recentemente.

Da presença de baixos níveis de escolaridade nos/nas portugueses/as mais velhos/as emigrados/as na Suíça, aos percursos de [‘e’ e ‘i’] migração nas trajetórias de adultos pouco escolarizados que não retomaram a educação formal, o social que interrelacionava cada biografia foi-se revelando. Este exercício de localizar nas diferentes narrativas os vestígios de mecanismos e processos sociais foi acontecendo através desta troca de experiências. Assim, a partilha de alguns trechos das vidas narradas das pessoas entrevistadas foram-nos permitindo captar as relações sócio estruturais nelas implícitas atestando essa presença do social no biográfico em ambos os projetos. Efetivamente, o tecido social é uma malha muito mais apertada do que realmente se pensa, e as recorrências foram surgindo muito cedo nas nossas conversas, tendo sido muito estimulante/útil captá-las entre histórias recolhidas sob a égide de projetos e lentes distintas. Demo-nos, assim, conta da presença da dita razão dialética nos nossos projetos, a tal razão histórica que nos «autoriza a interpretar a objetividade de um fragmento da história social, na subjetividade de uma história singular» (Ferrarotti, 1991, p.172) a mesma que nos permite aceder ao universal e geral [a sociedade], através da singularidade social [indivíduo].

A determinada altura, as nossas partilhas também serviram para ajudar a sinalizar/desvelar alguns meandros do social do terreno uma da outra, nublados pela proximidade que cada uma tem com o seu objeto. Assim, progressivamente fomos-nos tornando no *olhar de fora* uma da outra.

A leitura do livro de Daniel Bertaux trouxe-nos alento para as nossas investigações e deu-nos um quadro de discussão metodológica do qual sentíamos falta naquela fase do nosso doutoramento. Ao ler este autor fomos ganhando confiança em nós próprias enquanto investigadoras-aprendizes em pesquisa qualitativa. Encontrávamos, *ipsis verbis*, o relato de situações que simultaneamente experienciávamos no terreno. Foram vários os momentos em que nos sentimos confortadas ao ver descritos os passos que tínhamos dado de forma intuitiva, por um autor consagrado internacionalmente e que muito contribuiu para a difusão, na sociologia, de uma técnica de observação que nem sempre foi tida como um meio legítimo de produção de conhecimento objetivo.

Aprendemos muito ao ler esta obra sintética, porém tão densa e edificante. Não nos deixemos enganar pela facilidade com que se lê, pois nada tem de simples o uso das narrativas de vida. É uma técnica de recolha de dados exigente que implica, entre outros ingredientes: tempo, um bom acesso ao terreno e alguma imaginação sociológica. «[S]em imaginação sociológica, a análise permanecerá irremediavelmente superficial», diz-nos Daniel Bertaux (2020, p.110). Por várias vezes, ao longo do livro, o autor reafirma a «importância da imaginação sociológica no processo de análise progressiva dos materiais» (idem, p.144). No nosso caso, essa imaginação foi espicaçada pelas deambulações uma da outra e pelas trocas regulares de impressões, pistas, interrogações e conhecimentos específicos.

De acordo com Bertaux, as narrativas de vida cumprem três funções, exploratória (1), analítica (2) e expressiva (3). Nas nossas investigações, elas cumpriram simultaneamente uma função exploratória e analítica, uma vez que, para além de ambas as etapas se embrincarem uma na outra, é sabido que «[n]a pesquisa etnossociológica, a análise começa logo desde as primeiras entrevistas» (idem, p.54). Assim sendo, numa primeira fase, as narrativas permitiram iniciar-nos nas particularidades do terreno e do fenómeno social em estudo e apurar as dimensões a incluir na análise. Num segundo momento, a revisitação das entrevistas, através da sua transcrição [integral ou em sinopses] ou somente pelo exercício de voltar a ouvi-las, permitiu construir e afinar uma representação mental cada vez mais precisa do objeto de estudo. Num terceiro momento, entrámos numa fase analítica, ou seja, no período em que nos é permitido perceber quando se atinge o ponto de saturação, isto é, quando «as novas entrevistas recolhidas já não forneçam qualquer valor acrescentado ao conhecimento sociológico do objeto em estudo» (idem, p.55). Fomo-nos dando conta de que, efetivamente, as recorrências podem surgir cedo, por isso, era preciso estarmos atentas.

Mas afinal o que há de social no biográfico? Quando, imersas no terreno, por vezes, sentimo-nos à deriva nos meandros das vidas alheias, a leitura de *As Narrativas Vida* (Bertaux, 2020) permitiu [e permite] recentrar o foco na perspetiva sociológica, ou melhor dizendo, etnossociológica. Através desta perspetiva, foi-nos possível encontrar a dimensão social contida nos «contextos sociais em que viveu e atuou» (idem, p.9) a pessoa entrevistada. Neste sentido, Bertaux alerta-nos para a necessidade de «recolher não apenas uma, mas um pequeno número razoavelmente variado de narrativas de pessoas que viveram no mesmo «pedaço do mosaico societal» (idem, p.10). Efetivamente, foi através da recolha de várias narrativas de vida de pessoas que

vivenciaram uma situação semelhante que foi possível, por exemplo, coligir elementos do contexto histórico e social, importantes para compreender o fluxo migratório de Portugal para a Suíça e as suas características intrínsecas – por exemplo, por que é que os/as portugueses/as se instalaram em tal região da Suíça, por que é que as crianças ficavam muitas vezes entregues aos avós quando os pais emigravam, ou por outro lado, porque é que em Portugal, em épocas relativamente recentes, era habitual a saída da escola das crianças com apenas o 1º ou o 2º ciclo do ensino básico [ISCED 1 e 2], para integrar diretamente a aprendizagem de uma profissão, no campo, na costura, nas obras ou a *servir* em casas de outras famílias, entre outros exemplos.

Enquanto objeto social, e de acordo com Bertaux, os adultos pouco escolarizados que não retomaram a educação formal constituem-se como categoria de situação social, isto é, uma vez que não exercem todos a mesma atividade, não são redutíveis ao mesmo mundo social. Enquanto categoria de situação social, pressupõe-se, que partilhem os mesmos constrangimentos, tensões e a mesma pressão nas suas lógicas de ação. Neste caso específico, as narrativas que têm no sujeito o papel de informador das suas práticas, dos seus cursos de ação e dos contextos sociais em que esses ocorrem, têm permitido atestar o peso do grupo primário (Ferrarotti, 1991), das zonas geográficas em que estes cresceram e da relação/visão da comunidade e do país sobre a escola, na relação [visão] destes adultos pouco escolarizados com a Aprendizagem ao Longo da Vida. Num movimento heurístico de ida e volta da biografia para o sistema social e do sistema social para a biografia, o acesso às mensagens, às decisões e à pluralidade de papéis e de trajetórias que cada biografia enceta em si [família ascendente, amigos, colegas, família atual], tem conduzido à captação dos mecanismos desta dimensão social tão presente em cada biografia «singular» ou, como nos diz Ferrarotti (idem), em cada indivíduo universal singular totalizado e universalizado pela sua época.

Devido à posição central que os/as nossos/as informantes ocupam no terreno de pesquisa e ao facto de os seus percursos de vida conterem espaços socio-históricos, as narrativas de vida revelam-se extremamente férteis e complementam a consulta de outras fontes como textos normativos, estatísticas, entre outras: «uma narrativa de vida orientada para as práticas e a descrição dos seus contextos será necessariamente muito rica em conteúdos sociológicos» (Bertaux, 2020, p.12) Por um lado, ouvir contar uma experiência vivida por quem a viveu permite captar os espaços socio-históricos, elementos estruturantes e contingentes dos percursos de vida. Por outro lado, «[a]s

narrativas de vida [...] são particularmente adequadas para captar processos, ou seja, encadeamentos de situações, interações, acontecimentos e ações» (idem, p.81). As narrativas são, assim, uma forma de aceder aos cursos de ação e não apenas aos contextos sociais nos quais esses cursos se inscrevem – permitindo compreender como os projetos migratórios, e nomeadamente o projeto de regresso, se vão alterando ao longo do tempo.

O não retorno à educação formal, apesar de ser um projeto antecedido de uma etapa quantitativa, suportada num grande inquérito à população (IEFA, 2016 – Inquérito à Educação e Formação de Adultos), é outro exemplo vivo disso mesmo. Só seria possível captar a idiosincrasia destes indivíduos, captando os motivos implícitos do não retorno, bem como as disposições e reflexividades sobre os próprios percursos de vida e sobre a aprendizagem ao longo da vida, através da experiência de vida social narrada. Foram as narrativas de vida que permitiram captar as tais dinâmicas de *temporalidades sobrepostas*: biográfica e histórica. As experiências narradas são ao mesmo tempo singulares e universais, é esta visão que tem contribuído para o esbatimento da estanquidade do dualismo entre estrutura/ator, uma vez que através da razão dialética o social e o singular iluminam-se reciprocamente (Ferrarotti, 1991), isto é, o conhecimento integral de um torna-se no conhecimento integral do outro. Não obstante, não queremos com isto dizer que não temos presente que cada individuo não totaliza diretamente a sociedade inteira, uma vez que ele só a totaliza através do seu contexto social, utilizando o exemplo deixado por Ferrarotti referindo-se ao problema das mediações de Sartre: «Que Valéry é um intelectual pequeno-burguês, está fora de dúvida. Mas todos os intelectuais pequeno-burgueses não são Valéry» (idem, p. 174).

Não podemos concluir sem referir que a presença desse social também consta na biografia das próprias investigadoras. De facto, cedo nos demos conta de que, em ambos os casos, se tratavam de projetos de investigação que começaram muito antes de se terem formalmente iniciado: uma viveu a experiência da emigração, a outra trabalhou em diferentes contextos de educação e formação de adultos. Há, efetivamente, um trabalho quase etnográfico que é prévio ao momento em que se decide partir à aventura para esclarecer e compreender as entrelinhas de um contexto que, ao mesmo tempo que parecia ser tão familiar apresentava, cada vez mais, complexidades e questões a precisar de resposta.

A partilha desta prática colaborativa pretendeu ilustrar e evidenciar elementos do que ela nos proporcionou, porque tão ou mais importante do que os resultados em si,

importa a reflexão sobre as condições de produção do conhecimento científico. Quisemos, assim, desvelar alguns dos meandros do processo destas duas investigações sob forma de uma *narrativa metodológica*, agora em modo de pausa pelo *efeito de suspensão do tempo* e das dinâmicas do mundo social [académico] impostas pela pandemia.

1. Timeline do trabalho colaborativo



Agradecimentos

As autoras agradecem a FCT pelas bolsas de doutoramento concedidas para a realização das suas investigações (Ref: SFRH/BD/128722/2017 e SFRH/BD/135682/2018).

Notas

Por decisão pessoal, as autoras do texto escrevem segundo o novo acordo ortográfico.

*As autoras contribuíram de igual forma para a elaboração do presente trabalho.

- ⁽¹⁾ Por pouco escolarizados entendem-se aqui todos os adultos com uma escolaridade abaixo do 3º ciclo - 9º ano - definição que se baseia na escolaridade obrigatória nacional atual).
- ⁽²⁾ Em Portugal, a escolaridade obrigatória passou a ser de 6 anos em 1964 (DL 45 810 de 7.1964) e de 9 anos apenas em 1986 (Lei 46/86 de 14.10).

Referências

Bertaux, Daniel (2016 [1997]), *Le Récit de Vie*. Paris: Armand Colin.

Bertaux, Daniel (2020), *As Narrativas de Vida*. Lisboa: Mundos Sociais.

Ferrarrotti, Franco (1991). Sobre a Autonomia do Método Biográfico. *Sociologia Problemas e Práticas*. 9, pp.171-177.

Ferreira, Vítor Sérgio (2014). Artes e Manhas da Entrevista Compreensiva. *Saúde e Sociedade*, 23 (3), pp. 979-992.